

**LEON CADOGAN, ANTROPÓLOGO-TRADUTOR DO *AYVU ROPYTA*:
UM PROJETO ÉTICO BASEADO NO CONHECIMENTO**

Ana Rossi² (UnB/IL/LET)

A tradução realizada por Leon Cadogan do texto religioso dos Mbyá-Guarani, intitulado *Ayvu Ropyta*, levanta questões sobre a tradução enquanto processo que tem seu ponto de partida dentro de um sistema de trocas baseadas no dom enquanto elemento de circulação cultural. A transcrição deste material oralizado e suas transformações em um sistema escrito se inserem dentro de um sistema semiótico de transformação do signo. O resultado é uma tradução ética baseada no conhecimento científico como categoria de estruturação da tradução.

Palavras-chave: Leon Cadogan, Ayvu Ropyta, tradução, dom, semiótica, ética.

**LEON CADOGAN, ANTHROPOLOGIST - TRANSLATOR OF *AYVU ROPYTA*:
AN ETHICAL PROJECT BASED ON KNOWLEDGE**

The translation made by Leon Cadogan of Mbyá-Guarani's religious text known as *Ayvu Ropyta* aims questions about the translation as a process that the first point starts in a gift's system as an element of cultural circulation. The transcription of this material based on orality and his transformations towards a written system, have to be understood inside a semiotic system that transforms the sign. All of this process results in a ethical translation based on the scientific knowledge that gives a structure to the translation.

Keywords: Leon Cadogan, Ayvu Ropyta, translation, gift, semiotics, ethic

² Profa. Dra. Ana Helena Rossi, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), Instituto de Letras (IL), Universidade de Brasília (UnB), anahrossi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo interroga a tradução realizada por Leon Cadogan, antropólogo e tradutor paraguaio, dos mitos Mbyá-Guarani, a partir do *Ayvu Rapyta Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*, do guarani para o espanhol na década de 1940. O que nos interessa é indagar os procedimentos operados pelo antropólogo-tradutor, e chegar assim à formalização de seu projeto de tradução. Uma das hipóteses orientadoras deste trabalho é o fato de que Leon Cadogan possui uma estratégica tradutória criada em função dos elementos culturais que lhes foram trazidos pela comunidade dos Mbyá-Guarani em função de seu convívio e profundo conhecedor da cultura Mbyá-Guarani del Guairá. Assim, operacionalizando uma transmutação das narrativas orais sagradas, Leon Cadogan fixou, por escrito, este material dentro do processo semiótico que resgata o material cultural.

1) Objeto da tradução : as narrativas sob a forma de “dom”

Após anos de convívio com os Mbyá-Guarani, e após ter também prestado inúmeros serviços à comunidade, Leon Cadogan recebe das autoridades do grupo, nos idos dos anos 1940, sob a forma de dom segundo Marcel Mauss (2007), as narrativas orais do Mby'a-Guaraní, até então totalmente desconhecidas por ele. Este material oralizado, que lhe foi ditado, se apresenta sob a forma de várias narrativas orais que compõem os anais religiosos dos Mbyá-Guarani, e que circulam oralmente no interior da cultura desde tempos imemoriais. Em função do tipo de circulação, tais narrativas são classificadas em dois tipos: as narrativas comuns, acessíveis a todos; e as sagradas sagradas, as *ñe'~e* ou *ayvu porã tenondellas primeras palabras hermosas*, que circulam no espaço sagrado da cultura guarani, na pessoa do *mburuvicha*: poeta, teólogo, legislador da tribu. Leon Cadogan tem acesso às narrativas sagradas que lhe abrem o espaço da cosmogonia dos Mbyá-Guarani. (CADOGAN, 1997, p.12-13)

“En el prefacio el autor cuenta como, después de varios años de relaciones amistosas con la tribu, durante los cuales no habia sospechado siquiera la existencia de las enseñanzas secretas (*ñe'ê porã tenonde*, las primeras hermosas palabras), fue al final iniciado em esas tradiciones como que a título de recompensa por haber obtenido la liberación de um miembro de la tribu que estaba preso en el cárcel de Villarica.” (CADOGAN, 1997, p.12)

A questão do dom deve ser discutida no contexto da circulação dos bens culturais e de sua importância dentro da economia simbólica dos Mbyá-Guaraní. O dom, segundo Marcel Mauss, não é uma dívida, mas é um crédito no sentido de uma transferência sem relação com a natureza dos bens trocados, nem com a duração entre as transferências. O dom remete à situação definida entre as pessoas em presença umas das outras. Uma troca de dons remete a duas transferências distintas cuja segunda não finaliza a relação aberta pela primeira. Trata-se de uma forma de circulação de bens culturais, materiais ou imateriais, que participa do conjunto das trocas simbólicas e materiais no interior do grupo dos Mbyá-Guaraní. A natureza destas trocas possibilitou a Leon Cadogan receber as narrativas sagradas como um contra-dom que não é um pagamento, mas o resultado de um dom anterior – serviços prestados por Cadogan à membros da comunidade - que lhe permitiu, neste sistema de trocas, ter acesso às *ñe'e porã tenonde*. De alto valor simbólico, esta circulação constitui o ponto inicial da coleta do material linguístico-cultural que será objeto da tradução do *Ayvu Rapyta*.

“Conversando con mis hospedes, abordé el tema de las tradiciones religiosas. Mario, quien ya conocia mi afición por estas cosas, habiéndome narrado una leyenda que explica la etimología de *Mbarakaju* (publicada en la revista *Cultura*, XI, 1946), se dirigió al cacique preguntándole si ya había discurrido conmigo: *gueroayvu*, sobre el origen del lenguaje humano: *ayvu rapyta*. Contestándole el cacique que no, le volvió a preguntar si me había divulgado los himnos sagrados relacionados con “los huesos de quien porta la vara-insignia”: *yvyra'i kânga*. Volviendo a contestar negativamente el cacique, Mario le dijo que yo ya era merecedor de que se me divulgara las *ñe'e porã tenonde*”, “las primeras palabras hermosas”.”(CADOGAN, 1997, p. 16)

2) Transmutações do projeto de tradução

Leon Cadogan opera um conjunto de transformações de ordem simbólico-semiótica sobre o material oralizado, até a tradução e sua posterior publicação por escrito sob a forma de livro. No entanto, a complexidade desta pesquisa revela-se na dificuldade de acessarmos diretamente as condições de coleta das narrativas, operacionalizadas por Leon Cadogan. Neste ponto, o objeto do nosso artigo é observar o projeto de tradução a partir de sua versão escrita. O caminho metodológico escolhido foi interrogarmos as inúmeras notas de rodapé da tradução que contam a estória da tradução, dando visibilidade às operações que regem os dados culturais. Estas notas de rodapé que acompanham cada um dos 19 capítulos do livro *Ayvu Rapyta, textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*, apresentam explicações etimológicas de palavras guarani, normas gramaticais, múltiplas referências não apenas aos mitos, mas às distintas

versões do mesmo mito claramente identificadas, relatam as condições de coleta das narrativas, além de afirmar as hipóteses que organizam o projeto de tradução. Partiremos, pois, deste material complexo para reconstruirmos as estratégias tradutórias de Leon Cadogan que devem ser compreendidas dentro da circulação mais geral da *ñe'e* ou *ayvu porã tenonde* enquanto elemento cultural. Assim, a tradução opera dentro de um escopo que parte das narrativas oralizadas transmutadas em signos escritos sob a forma de poesia, cuja finalização encontra-se registrada sob a forma de três edições bilíngues, guarani e espanhol. A primeira edição é publicada em 1959 sob a forma de artigo científico no Boletim nº227 de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras³. A segunda edição é publicada em Asunción em 1992, enquanto que a terceira edição é uma reimpressão da anterior, publicada em Asunción em 1997.

3) "Dizer algo sobre a tradução": resgatar éticamente a cultura Mbyá-Guaraní

A tradução de Leon Cadogan baseia-se em um projeto que apresenta dois eixos maiores eminentemente interligados: ao tradutor cabe operacionalizar a tradução de maneira a resgatar culturalmente a cultura Myá-Guaraní. Isto se torna possível a partir da profundidade e da extensão do paratexto científico que demonstra um grande conhecimento do tradutor a respeito do povo Mbyá-Guaraní no que diz respeito à cosmovisão. Esta tradução foi realizada diretamente da língua guarani falada pelos Mbyá-Guarani dos anos 1940 para o espanhol. Trata-se de uma tradução direta que tem por base um profundo conhecimento da cultura e da língua guarani, como também da linguagem sagrada das narrativas.

O que nos chama a atenção é o grande número de notas explicativas para cada um dos capítulos. Temos notas sobre diferentes aspectos da língua guarani, sobre os personagens míticos e suas relações com as versões dos mitos, a etimologia, demonstrando a forte preocupação do compilador e tradutor, Leon Cadogan em não apenas manter as notas do ano de 1961, mas também em aumentá-las, já que as novas notas aparecem na segunda edição, acompanhadas com um asterisco. As notas de rodapé apresentam-se de maneira cumulativa, como camadas de conhecimento que é

³ 1ª edição: Leon Cadogan, *Ayvu Rapyta*; textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá, *Boletim*, nº227 – Antropologia, nº5, São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959

preciso identificar para retratar a arqueologia do saber (FOUCAULT, 1969), e a construção dos conceitos. O aparelho científico da obra traduzida, embora não sendo um comentário específico sobre o projeto de tradução, apresenta-se denso e com uma base sólida de conhecimentos (antropológico, linguístico, de poética, geografia, mitologia, dentre outros). Estes conhecimentos demonstram a postura ética do tradutor (BERMAN, 1984) a partir das hierarquias do seu trabalho de tradução observáveis na importância do conhecimento disponível sobre cultura mbyá-guarani no processo tradutório. No capítulo 1 [*Maino i reko ypykue / Las primitivas costumbres del Colibri*], que apresenta oito estrofes, temos quatro páginas de notas de rodapé. Neste capítulo, a maior atenção nas notas de rodapé do tradutor é identificar diferentes versões do mito da gênese Mbyá-Guaraní ao apresentar uma versão diferente dos primeiros versos do capítulo 1 (CADOGAN, 1997:28-29):

Versão 1 do mito da Gênese/ Publicação no corpo do texto		Versão 2 do mito/ Publicação em nota de rodapé	
1			
Ñande Ru Papa Tenonde/gueterã ombojera/pytũimágui.	<i>Nuestro Padre Ultimo-ultimo Primero /para su proprio cuerpo creó/de las tinieblas primigenias.</i>	Ñande Ru Papa Tenonde /ojera pytũ yma mbytére.	<i>Nuestro Primer Padre, el Absoluto,/se creó a si mismo (surgió) en medio/de las tinieblas primigenias.</i>

O tradutor, dispondo de duas versões do mito, utiliza a nota de rodapé como elemento de conhecimento que embasa a decisão tradutória. Este procedimento, largamente utilizado no decorrer das notas dos capítulos, demonstra a vontade de proporcionar amplos elementos analíticos ao leitor de uma das grandes expressões da poesia americana, o *Ayvu Rapyta*, no dizer de Bartolomeu Meliá (CADOGAN, 1997, p. 9). A importância conferida aos mitos não se restringe apenas à apresentação de diferentes versões. Tem-se também a explicação etimológica que se insere nas condições de coleta das narrativas oralizadas, explicitando inúmeros elementos que se aparentam mais com o jornal dos antropólogos no que diz respeito à coleta do nome próprio *Maino i*. Neste caso, o tradutor tem o cuidado de trazer ao conhecimento do leitor a

sentença linguística de seu informante guaranofalante na íntegra para provar as relações entre os mitos.

Maino i: mainomby, mainumby, en guaraní clásico. Ocupa lugar destacado en estos textos. A un indio le he oído decir: *Maino i ñande rovacha ava ruvicharã ñande chy ryépy voi*: ya en el vientre de nuestra madre el Colibrí nos señala, bendiciéndonos, para futuros dirigentes de los hombres. En esta sentencia, pronunciada espontáneamente, aparece el colibrí como personificación de un dios; y merece subrayarse el hecho de que en una versión del mito de *Pa'i Rete Kuaray* que he escuchado (cap. VIII), el creador de esta tierra asume la forma de colibrí, y no de *Urukur'a*, para descender a la morada terrenal y engendrar al padre de la raza.” (CADOGAN, 1997, 28)

O tradutor discute a relação entre as distintas versões do mesmo mito do deus criador inventariando seis nomes referentes a esta divindade: *Ñande Ru Papa Tenonde*, *Ñamanduî*, *Ñamanduî Ru Ete*, *Ñande Ru Tenonde*, *Ñamandu Ru Ete Tenonde*, *Ñamandu Yma* que é a figura central da teogonia dos Jeguakáva. (CADOGAN, 1997, p. 28). Esta lista dos nomes próprios identifica a concepção de mundo dos Mbyá-Guaraní em seu sincretismo. Saindo de seu papel de antropólogo, o tradutor discute o conceito de Absoluto e de espaço.

“A fin de cercionarme del verdadero concepto que para el Mbyá encierra el sobrenombre *papa* (último-último), le hice a Tomas, de Yvytuko, la siguiente pregunta: *Ñande Ru tenondegua, yvdra guetrã oguerojera i mavy ¿ mba'eére nda'u "Papa" já'e?* ¿Por qué es que, habiendo Nuestro Primer Padre creado su divino cuerpo, le llamamos (decimos) *Papa*? Tomás me contestó: *Ñande Ru tenondegua oñemomburu i mavy, imbaraeete ima oinymavy, dra papdre oi. Guekorã i oikuaa i mavy ojeupe, ovy rugarã oikuaa i mavy ojeupe, dra papápy oi aguémavy: Ñande Ru Papa Tenonde”, já'e*: En virtud de haberse inspirado de fervor Nuestro Primer Padre, en virtud de haber adquirido fortaleza, El existía en los confines del espacio. Habiendo concebido las normas que regirían sus futuras actividades, habiendo concebido su futura morada terrenal, en virtud de haber existido en los últimos confines del espacio es que le llamamos: “Nuestro Padre Último-último Primero.”

Para tal objetivo, faz-se necessário uma importante compilação dos nomes, identificando-os em relação às versões dos mitos e outras narrativas religiosas orais dos Mbyá-Guaraní. A complexidade do projeto leva o antropólogo-tradutor a equacionar hipóteses sobre o conceito de *Papa* que não seria genuinamente guarani, mas objeto do sincretismo religioso fruto da catequização católica nas Américas desde o século XVI.

“Estas observaciones me obligaron a dedicar varios meses de trabajo más a la recopilación de himnos y plegarias, única fuente fidedigna para la reconstrucción de la religion aborigen. (...) En ninguno de los himnos y plegarias que he oído entonar en las poblaciones: *tatapy rupa*: asiento de fogones, he escuchado el sobrenombre de *Papa*, invocándose indistintamente a *Ñamandu Ru Ete* y *Ñande Ru tenondegua*. En las versiones de estos

mismos himnos y plegarias que los índios me dictaban después para ser transcritos invocaban, de vez en cuando, a *Ñande Ru Papa Tenonde*. Y el sobrenombre aparece en el mito de *Yvy Pyau* (cap. VII), en los patronímicos sagrados (cap. V) y en el mito de *Pa'i Rete Kuaray* (cap. VIII). En un principio, ante lo que consideraba como un caso de sincretismo, atribuí el origen de este sobrenombre a posibles contactos con catequizadores católicos (Papa: cabeza de la iglesia): pero como otra tribu guaranoparlante emplea también el nombre para designar al que evidentemente es la figura central de su teogonía (...) no puede afirmarse que sea de origen exótico. Sea cual fuere el origen de la palabra, ha sido adoptada definitivamente por los Mbyá.” (CADOGAN, 1997, p.29)

Observa-se que o projeto de tradução torna-se objeto de adensamento conceitual, inserindo a discussão dentro da evolução histórica da religiosidade dos Mbyá-Guarani. No discurso de Leon Cadogan faz-se presente a preocupação com o tempo longo, o tempo dos acontecimentos que não são sincrônicos, isto é, a dimensão diacrônica. Assim, as notas de rodapé do tradutor-antropólogo encontram-se na intersecção entre o discurso científico e o comentário de texto cujo escopo é a legitimidade da cultura mbyá-guarani, sob a forma de um formato que não oblitera a discursividade em questão. A partir destas notas de rodapé, temos a formação de um conhecimento antropológico inédito sobre os Mbyá-Guaraní. Objeto de conhecimento, as referências aos mitos torna-se o próprio objeto em construção, sendo desenhado pouco a pouco, na teia de relações tecidas entre as diferentes versões dos mitos que o tradutor-antropólogo coloca em evidência nos seus comentários. Eis porque esta soma de conhecimento na estruturação do projeto de tradução mantém a tradução de Leon Cadogan tão atual, e tão difícil de ser ultrapassada.

Tradução direta: conhecimento da língua mbyá-guaraní

Uma das questões prementes levantadas por Leon Cadogan em suas notas de tradução é a absoluta necessidade do conhecimento da língua mbyá-guarani: “Debo agregar que son comprensibles [las primeras palabras hermosas] únicamente a quienes se hayan impuesto la tarea de aprender la lengua mbyá-guarani;” (CADOGAN, 1997, p. 15). A necessidade absoluta de conhecer a língua mbyá-guarani afirma a tradução direta, aquela que utiliza um par de línguas, sendo as duas objetos de conhecimento por parte do tradutor. Existe também a tradução indireta onde a tradução opera-se a partir de uma tradução já elaborada em uma língua conhecida pelo tradutor. Sabemos da dificuldade de aprender línguas estrangeiras. Sabemos dos esforços constantes para alcançarmos

um grau de conhecimento suficiente para elaborarmos uma tradução. Sabemos também que muitas traduções, chamadas indiretas, passam por uma língua intermediária que o tradutor domina. Sem entrarmos nesta calorosa discussão, o caso analisado aqui é de uma tradução direta, do guarani para o espanhol onde o tradutor não apenas apresenta os elementos linguísticos do guarani, mas operacionaliza-os a partir de uma verdadeira pesquisa antropológica que dá sustentação às suas escolhas tradutórias. Além do mais, a posição de Leon Cadogan ilustra a perspectiva de L. Hjelmslev para quem a língua, sendo paradigmática, apresenta diferentes tipos de textos, que são, por suas vezes, sintagmáticos, e que se manifestam de diferentes maneiras. Sendo assim, qualquer texto é uma das manifestações de um texto mais largo, que se baseia no conhecimento da língua mbyá-guarani. A tradução do *Ayvu Rapyta* constitui uma possibilidade, no plano sintagmático, dentre muitas outras do plano paradigmático. É o que observamos acima quando o antropólogo-tradutor apresenta mais de uma possibilidade de tradução. A tradução envereda-se dentro do universo dos possíveis, e as narrativas míticas do *Ayvu Rapyta* se desdobram em conhecimento cultural e linguístico, documentando a língua e suas inúmeras potencialidades.

Fixação gráfica da língua guarani

Os eixos paradigmáticos e sintagmáticos são observáveis na tradução de Leon Cadogan com a ortografia. Estamos diante do guarani, língua oral que, desde o século XVI foi objeto de conhecimento por parte dos missionários, e que recebeu, desde então, uma gramática e uma vasta literatura sobre as suas regras formais. A ortografia pertence ao eixo sintagmático, pois ela é uma das realizações do eixo paradigmático. As decisões formalizadas na transcrição das narrativas seguiram as orientações do Pe. Antonio Guasch no Congreso de la Lengua Guarani-tupí de Montevideo (1950), com exceção do x = ch, e outras letras mais, que nos remete ao estado de fixação escrita da língua guarani. (CADOGAN, 1997, p. 23).

CONCLUSÕES

A tradução de Leon Cadogan é o resultado de anos de convívio e de conhecimento junto aos Mbyá-Guarani. Ela nos traz lições valiosas sobre a relação que elaboramos

com a alteridade dentro da perspectiva de circulação dos bens culturais, dos quais faz parte a tradução. Temos aqui um objeto material oral que, emergindo das trocas culturais em curso na cultura mbyá-guarani, o dom, é entregue ao antropólogo. Para fazer o material circular, o antropólogo se torna tradutor que, por meio das operações metodológicas, propõe uma tradução direta, com um aparelho discursivo elaborado sob a forma de notas de rodapé que se configuram com um diário de bordo da tradução, no mesmo estilo do jornal de bordo dos antropólogos no âmbito da pesquisa participante. A transmutação do material oral em material escrito pertence ao campo das mudanças semióticas e suas alterações do signo.

A tradução do *Ayvu Rapyta* nos leva a questionar o espaço discursivo da tradução para o qual converge o discurso antropológico-etnológico, além do conhecimento linguístico sobre a língua guarani. A junção destes dois espaços discursivos da tradução sustenta as decisões tradutórias do antropólogo-tradutor em suas dimensões formais e conceituais, documentando o leque as opções linguísticas possíveis, e transformando as notas de rodapé em verdadeiro campo de pesquisa tanto para a antropologia como para a linguística. A formalização destes procedimentos resulta em uma tradução cujo foco é a tentativa de expressar em língua espanhola os conceitos mais abstratos da tradição religiosa guarani, suas concepções do divino – não se esquecendo dos sincretismos possíveis, e documentando as diferentes formas que podem assumir os enunciados. Leon Cadogan, parte de seu conhecimento e de sua experiência *in loco* junto ao Mbyá-Guarani para nos propor uma tradução direta do guarani para o espanhol nunca antes questionada que carrega um conhecimento pertencente hoje ao campo da antropologia a respeito dos povos ameríndios. A sua postura ética, constantemente expressa na tradução, torna possível vislumbrar conceitos e visões de mundo desconhecidas para nossa cultura, anunciando assim que as experiências humanas são múltiplas. A postura ética da tradução resgata o povo Guarani como papel agente social que decide o que deve ser traduzido, como constata o próprio Leon Cadogan no relato abaixo que marca a postura política que deve ter a tradução: “Y no admiten la traducción del *Ñengarete* porque no están de acuerdo com las ideas preconcebidas de los “guaraniólogos de gabinete” de Asunción.” (CADOGAN, 1997, p. 19). A tradução de Leon Cadogan ilustra a atitude ética e a preocupação com o conhecimento para dar voz ao povo guarani em sua integridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN Antoine. *L'Épreuve de l'étranger ou l'auberge du lointain*. Paris. Gallimard. 1984.

CADOGAN Leon. *Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. [Edición preparada por Bartolomeu Meliá]. Asunción del Paraguay. Biblioteca Paraguaya de Antropología – vol. XVI – Fundación Leon Cadogan – CEADUC – CEPAG - 3ª edição.

FOUCAULT Michel. *L'Archéologie du savoir*. Paris. Gallimard. 1969

HJELMSLEV Louis. *Le langage*. Paris. Minuit. 1991

MAUSS Marcel. *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. PUF. Coll. « Quadrige Grands Textes ». 2007. 248 p.

RODRIGUES Aryon Dall'Igna, « A contribuição linguística de Jean de Léry” in Jean de Léry. *História de uma viagem feita à Terra do Brasil, também chamada América*. Rio de Janeiro. Fundação Darcy Ribeiro. 2009. p. 43-74.